

METÁFORA E CONTEXTO: ENTRE O ESTÁVEL E O INSTÁVEL

Heronides Moura¹
Solange Vereza²
Lucienne Espíndola³

RESUMO: Este artigo tem como foco o papel do contexto na produção e na interpretação de enunciados metafóricos, partindo da investigação da função do contexto no uso de metáforas. Nossa tese é que uma metáfora não é inteiramente pré-determinada por fatores semânticos ou conceituais estabilizados, embora o significado da metáfora dependa, em parte, desses fatores mais estáveis, tais como as metáforas conceituais, os esquemas imagéticos e os frames; em parte, de fatores instáveis (tais como a interação conceitual no nível da proposição, a situação discursiva e o gênero discursivo) que dão contornos específicos a cada metáfora enunciada.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; contexto; discurso.

ABSTRACT: This paper discusses the role played by the context in the production and interpretation of metaphoric utterances, from the investigation of the function of the context of metaphor use. Our thesis is that a metaphor is not entirely predetermined by semantic or conceptual stabilized factors, although its meaning depends, partly, on more stable aspects, such as conceptual metaphors, image schemas or frames, and partly on unstable variables, such as the conceptual interaction at the level of the proposition, the discursive situation and genre, which, together, render specific characteristics to metaphor in use.

KEYWORDS: metaphor; context; discourse.

¹ Doutor em Linguística pela UNICAMP, 1996. Professor da UFSC e pesquisador do CNPQ. E-mail: heronides@uol.com.br

² Doutora em Linguística Aplicada e professora associada da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde atua no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. E-mail: svereza@uol.com.br.

³ Doutora em Linguística (UFSC) e professora associada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atuando no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). E-mail: lucienne_@hotmail.com.

1. Introdução

Neste artigo, pretendemos investigar qual o papel do contexto na interpretação de enunciados metafóricos. Para isso, é preciso explicitar, em primeiro lugar, qual a especificidade da função do contexto no uso de metáforas, já que toda significação, literal ou figurativa, é dependente de contexto.

Defendemos que a interpretação de uma metáfora não é inteiramente pré-determinada por fatores semânticos ou conceituais estabilizados, embora o significado da metáfora dependa, em parte, desses fatores mais estáveis, tais como as metáforas conceituais, os esquemas imagéticos e os frames.

Uma metáfora específica não se reduz à instanciamento de um esquema semântico determinado a priori. Ela resulta também de fatores muito mais instáveis. Neste artigo, são analisados três desses fatores não previsíveis e instáveis: a interação conceitual específica de uma proposição metafórica, a função discursiva da metáfora, e a função que a metáfora desempenha em gêneros discursivos.

Em suma, a enorme pressão que o contexto desempenha na metáfora resulta dessa instabilidade que é inerente a seu valor semântico e pragmático. Isso não quer dizer que a metáfora seja totalmente indisciplinada, do ponto de vista semântico e cognitivo, pois ela é também regida por esquemas cognitivos mais estabilizados. Assim, o contexto exerce uma dupla pressão no caso da metáfora: por um lado, esquemas cognitivos pré-determinados empurram um enunciado metafórico para uma interpretação relativamente padronizada; por outro, fatores de instabilidade (tais como a interação conceitual no nível da proposição, a situação discursiva e o gênero discursivo) dão contornos específicos a cada metáfora enunciada.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, mostramos que a significação é essencialmente contextual, mesmo no uso de expressões literais. Mostra-se que a estrutura conceitual da linguagem é de natureza contextual. São analisados, com algum detalhe, dois exemplos do papel do contexto na representação da estrutura conceitual. O primeiro exemplo é o da distinção entre contáveis e incontáveis, e o segundo é a separação (ou não) entre ação realizada e resultado dessa ação.

O que é importante a ressaltar é que, apesar de sensíveis ao contexto, as expressões literais são de certa forma pré-determinadas por esquemas cognitivos

estáveis. O que é relevante, no uso de expressões literais ambíguas, é qual esquema cognitivo deve ser evocado, dependendo do contexto. Já no caso da metáfora, a interpretação não é totalmente redutível apenas à seleção de um esquema cognitivo, previamente estabilizado.

Na seção 2, mostra-se que a virada cognitiva nos estudos da metáfora impôs uma ênfase nos aspectos cognitivos mais estabilizados. Nessa perspectiva, a metáfora real passou a ser vista, tão somente, como uma instanciamento de um esquema cognitivo prévio. Essa redução da metáfora a um produto mental escamoteia toda a riqueza e variação a que uma metáfora está sujeita, quando ocorre num discurso específico. São apontadas algumas limitações de teorias que tentaram recuperar o papel do contexto na interpretação de metáforas, tais como a Teoria Crítica da Metáfora e a Linguística de Corpus. Sustenta-se, também, que uma abordagem puramente discursiva e pragmática, como a levada a cabo por Cameron e Deignan (2006) e Cameron (2008), não é capaz de explicitar o papel que esquemas cognitivos mais estáveis de fato exercem sobre a metáfora. Como alternativa, propõe-se uma articulação entre cognição e discurso, e entre sistema e uso.

Na seção 3, faz-se uma análise de dados baseada nessa tentativa de conciliar cognição e uso, por meio da descrição do papel que metáforas conceituais desempenham em gêneros discursivos específicos. São citados resultados de uma pesquisa que mostram que, no *resumo* (em anais de congressos, teses, dissertações e artigos), houve a predominância do cruzamento (BARCELONA, 2003) da metonímia OBRA PELO AUTOR e da metáfora OBRA É PESSOA. Esta e outra pesquisa, sobre o gênero crônica, mostram que não basta identificar a metáfora conceptual subjacente: é preciso também investigar como tal metáfora funciona e ganha vida no discurso.

2. A significação é contextual

Os signos são, essencialmente, contextuais. Portanto, não podemos afirmar tão somente que metáforas são contextuais, porque, de fato, toda significação o é. Teremos de definir, mais precisamente, no que consiste o contexto, nos enunciados metafóricos, de modo a diferenciar a natureza específica do contexto no uso de metáforas.

Mas antes de fazê-lo, vamos analisar o papel do contexto no uso de expressões literais. A própria estrutura conceitual de uma língua é de natureza contextual.

Vamos dar dois exemplos do papel do contexto na representação da estrutura conceitual. O primeiro exemplo é o da distinção entre contáveis e incontáveis, e o segundo é a separação (ou não) entre ação realizada e resultado dessa ação.

2.1 A oposição contável/incontável.

No português, não se pode, muitas vezes, definir a priori, com base no signo isolado, se se trata de um termo contável ou de um termo incontável. O que é contável, ou não, depende estritamente do contexto. Considere os exemplos abaixo:

- (1) Luiz gosta de feijão.
- (2) O feijão está crescendo rápido.
- (3) Tem feijão aqui na minha xícara!

Na sentença (1), o substantivo *feijão* é um termo incontável, já em (2) e (3), ele pode ser contável. Em (2), o falante está se referindo a pés de feijão, que são entidades contáveis. Já em (3), o falante está se referindo a alguns grãos de feijão, que são também entidades contáveis. Note que, dependendo de contextos mais específicos, em (2) e (3) podemos ter também uma interpretação incontável. Em (2), o falante pode estar se referindo a uma plantação de feijão, e plantação, neste caso, indica uma pluralidade não contável.

Em (3), por sua vez, se o feijão estiver amassado, a referência será à substância incontável, e não aos grãos individualizáveis. Em suma, uma distinção conceitual tão importante quanto contável x incontável é dependente do contexto, quando se trata de representá-la por meio de signos linguísticos.

Um outro exemplo dessa ambiguidade contextual é o substantivo *cabelo*:

- (4) O meu cabelo cresce rápido.
- (5) Tem cabelo na minha sopa!

Em (4), cabelo é incontável; em (5), contável. A diferença é que o número de cabelos na cabeça não é relevante no contexto (a não ser no caso de um careca!), ao passo que um só cabelo na sopa já é totalmente relevante!

Não por acaso, diferentes línguas lexicalizam o termo *cabelo* de forma distinta. Pode-se usar a forma singular ou plural. O número define a interpretação. Em inglês, usa-se o singular *hair* (*cabelo*) para indicar a interpretação incontável. No francês, é o plural *cheveux* (*cabelos*) que serve para marcar a interpretação incontável. Em italiano, diz-se *tagliare il capelli* (cortar os cabelos), no plural, mas há também o singular *capello*.

No caso do português, a oposição morfológica singular/plural não é suficiente para indicar se o termo deve ser interpretado como contável ou como incontável. Pode-se dizer tanto (6), quanto (7), abaixo:

(6) Como fazer o cabelo crescer mais rápido.

(7) Como fazer os cabelos crescerem mais rápido.

Em suma, em português, a distinção contável/incontável é, muitas vezes, puramente contextual, embora essa distinção seja fundamental para a nossa ontologia e concepção do mundo.

2.2 Verbos agentivos que podem ou não indicar o resultado da ação

Um segundo exemplo da força do contexto é o de verbos agentivos que podem ou não implicar o resultado da ação indicada pelo verbo. Por um lado, uma determinada categoria de verbos agentivos claramente implica um resultado que é intencionalmente causado pela ação verbal. Assim, por exemplo, verbos como *assassinar*, *construir*, *carimbar*, *desenhar* etc., implicam dois eventos distintos, ambos codificados na semântica do verbo. *Assassinar* envolve a ação em si (o primeiro evento), que conduz a um segundo evento (o resultado, ou seja, a morte de um ser); *construir* também implica esses dois eventos, o ato de construir e o resultado (a construção obtida); *carimbar* é uma ação que leva a um estado específico (o carimbo impresso), e assim por diante.

No entanto, há verbos que indicam apenas a ação (e a intenção com que ela é feita), mas o resultado em si da ação não está implicado na semântica do próprio verbo. São verbos como *perseguir*, *procurar*, *investigar*, *caçar* etc., que

indicam a intenção da ação, mas não a efetivação de seu resultado. Pode-se perseguir alguém sem capturá-lo, ir caçar sem conseguir pegar nenhuma presa etc. Como define Talmy (2003), neste tipo de verbo “the Agent further intends that the action lead to a particular result, one that, within the referential scope of the verb, does not come about and whose eventual success or failure is left moot” (p 264).

O problema é que não temos apenas essas duas categorias bem isoladas de ações: uma cujo resultado é implicado pelo verbo, e outra cujo resultado não é implicado pelo verbo. Há uma série de verbos que ficam ambíguos em relação a uma ou outra categoria. Dependendo do contexto, eles podem implicar ou não o resultado esperado da ação verbal.

Por exemplo, há um conjunto de verbos, em português, que indicam dano físico que pode ou não levar à morte, tais como, *se afogar, atropelar, linchar, esganar, sufocar e se enforcar*.

A título de ilustração, vejamos alguns exemplos, retirados da internet, com o verbo *linchar*, que mostram como o resultado da ação, no caso, a morte, depende do contexto de uso do verbo. Na sentença (8), o resultado do linchamento é a morte, mas não em (9):

(8) A polícia tenta identificar os assassinos do dono de um restaurante tradicional do Bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte. Ele foi linchado, no meio da rua, depois de uma confusão na casa da ex-sogra. (Disponível em: http://www.alterosa.com.br/html/noticia_interna,id_sessao=7&id_noticia=94005/noticia_interna.shtml)

(9) Um homem de 27 anos foi *preso*, manhã deste domingo (15), *após ser linchado* por populares. (Disponível em: g1.globo.com/.../homem-suspeito-de-roubo-e-preso-apos-ser-linchad)

Podemos, então, dizer que verbos como *linchar* são polissêmicos, e, dependendo do contexto, pertencem ora à categoria de verbos como *assassinar*, em que o resultado da ação está contido na semântica do verbo, ora pertencem à categoria de verbos como *procurar*, em que o resultado da ação não está implicado na semântica do verbo. Essa polissemia, aliás, não ocorre em muitos desses verbos, na língua inglesa. O *Oxford Dictionary*, por exemplo, define o verbo *lynch* (*linchar*) da seguinte forma: “verb [with object] (of a group of people) kill (someone) for an alleged offence without a legal trial, especially by hanging: *her father had been*

lynched by whites". (Disponível em: <http://oxforddictionaries.com/definition/english/lynch?q=lynch>).

Já o *Dicionário Houaiss* registra a polissemia do verbo *linchar*, arrolando dois sentidos para o verbo: a) "executar sumariamente"; b) "praticar (a multidão) graves violências (contra alguém)". (HOUAISS, 2001, p. 1761). A mesma diferença entre o português e o inglês pode ser encontrada em verbos como *se afogar* (*drown*) e *se enforcar* (*hang*).

Para quem acha que *se enforcar*, em português, é equivalente a *hang*, em inglês, levando sempre à morte, podem ser citados exemplos como (10), abaixo:

(10) Cortou os pulsos, tomou veneno, enfiou a cara no forno e ligou o gás, fez um laço e *se enforcou mas não morreu*. (Disponível em: bfm.blogspot.com/2002_05_01_archive.html)

Se formos analisar, em detalhes, esse tipo de ambiguidade entre realização ou não do objetivo intencionado, é muito mais ampla do que poderíamos imaginar a princípio. O fator contextual é muito forte nesse caso. Por exemplo, verbos como *pentear*, *lavar*, *empurrar* e *chamar* aparentemente codificam não só a ação realizada, mas também o efeito visado pela ação (deixar o cabelo penteado e a louça limpa, por exemplo). Mas, de fato, não é sempre este o caso. Pode-se perfeitamente lavar a louça e ela não ficar limpa (basta, para isso, lavar mal a louça!).

A sentença (11) abaixo exemplifica um uso do verbo *empurrar*:

(11) Tantas outras empaca mais do que burro velho no sertão, a gente empurra, *empurra, mas não sai do lugar*. (Disponível em: carolgurgel.blogspot.com/2010/06/mas-ja.html)

De fato, há uma expectativa pragmática de que se você empurrou uma coisa, ela se moveu. Mas esta é apenas uma expectativa pragmática, em virtude da máxima da quantidade (se nada mais foi informado, podemos deduzir que a consequência natural da ação de fato ocorreu). No entanto, como vimos, esta expectativa pode ser quebrada se adicionamos alguma informação, como *empurra, mas não sai do lugar*.

Note que esse acréscimo de informação não seria possível com aqueles verbos que levam, necessariamente, ao efeito visado. Não há interpretação literal

possível para uma frase como “O bandido assassinou o refém, mas o refém não morreu”. Já uma frase como (11) é perfeitamente plausível, o que mostra que o conteúdo semântico de empurrar não define que o objetivo da ação foi efetivamente alcançado.

É interessante notar que, em inglês, existe uma construção gramatical (o resultativo) que permite explicitar, no nível da sentença, a efetivação do resultado visado.

(12) And they *washed the car clean* as well. (Disponível em: musicphotolife.blogspot.com/.../car-ser...)

Literalmente, a tradução desta frase é “E eles lavaram o carro limpo”, mas a sentença implica que o resultado da ação de lavar é que o carro ficou limpo (daí o nome de construção resultativa ou resultativo). Assim, uma tradução melhor seria “Eles lavaram o carro, que ficou limpo”. Mas o mais natural, na nossa língua, seria omitir a subordinada “*que ficou limpo*”, pois, no português, deixamos implícito o resultado da ação: se algo foi lavado, deve ter ficado limpo. Ou seja, neste caso específico, a língua portuguesa deixa para a pragmática, o que a língua inglesa pode deixar para a gramática. De fato, no inglês, também seria possível deixar a inferência sobre o resultado para uma implicatura pragmática, mas o acréscimo do resultativo “*certifies that the verb’s original implicature has now extended beyond that status to be come a claimed fact*” (TALMY, 2003, p. 265).

O mandarim tem um comportamento muito interessante em relação a esses verbos agentivos, que visam um determinado resultado. Com muitos verbos, ao contrário do que ocorre no português e no inglês, o resultado é deixado implícito. Por exemplo, o verbo *abrir* (*kai*) pode ou não indicar que o resultado foi atingido. Assim, é perfeitamente possível o seguinte diálogo em mandarim: (Criança) *Eu abri a porta*. (Mãe): *Certo, mas você abriu ela aberta?* (TALMY, 2003, p. 272). Ou seja, em mandarim há uma separação entre o ato de (tentar) abrir e o resultado da ação. Só o contexto determina se o resultado de fato ocorreu.

Em resumo, a definição do conteúdo semântico de um signo depende do contexto em que este signo é interpretado.

2.3 O contexto na metáfora

Mas e quanto à metáfora? O contexto funciona da mesma maneira? Note que nos exemplos de usos literais estudados (oposição contável x incontável, e oposição ação com efeito realizado x ação com efeito não realizado), havia dois esquemas cognitivos prévios alternativos disponíveis, cada um bem definido em si mesmo. O que o contexto faz é selecionar um desses esquemas cognitivos, com a exclusão do esquema cognitivo alternativo (assim, por exemplo, se um substantivo é definido como contável no contexto, exclui-se, como consequência, a interpretação incontável).

No caso da metáfora, mesmo depois que um esquema cognitivo prévio é selecionado, a significação ainda fica instável! Considere, por exemplo, a metáfora da sentença (13), abaixo:

(13) Com a carreira violentamente amputada, Simonal mergulhou na depressão. (Disponível em: bravonline.abril.com.br/materia/idolo-linchado.)

A metáfora *mergulhou na depressão* é interpretada com base no frame MOVIMENTO DIRECIONAL. Este frame define dois elementos nucleares de frame, que aparecem na metáfora em (13): Simonal é o Tema, e depressão é a Meta. Ou seja, interpretamos a metáfora do mergulho de acordo com o esquema cognitivo que define um objeto que se desloca de um ponto inicial (a Fonte), para uma Meta, que é o lugar ao qual o tema chega (frequentemente sem intenção). A definição do frame MOVIMENTO DIRECIONAL pode ser encontrada em <https://framenet2.icsi.berkeley.edu>.

No caso de (13), esse movimento em uma direção é interpretado, metaforicamente, como a mudança de estado emocional de uma pessoa, que passa de um estado inicial (de bem-estar, no caso), para um estado final bem diferente (de depressão). Pode-se identificar, ainda, em (13), uma metáfora conceptual subjacente, que associa mudança de estado a movimento, ou seja, MUDAR DE ESTADO EMOCIONAL É MUDAR DE LUGAR.

Tanto o frame, quanto a metáfora conceptual citada são processos de significação estabilizados. E ambos podem ser identificados, também, na metáfora da sentença (14), abaixo:

(14) O diretor e cineasta Luiz Fernando Carvalho mergulhou no mundo dos ciganos da Rússia, Sérvia e Polônia, para construir sua nova série “A

Aldeia”, que será transmitida pela Rede Globo em breve. (Disponível em: fragmentosfractais.blogspot.com/.../luiz-fernando-carvalho-mergulho).

Assim como em (13), a interpretação da sentença (14) depende do frame MOVIMENTO DIRECIONAL e da metáfora conceptual MUDAR DE ESTADO É MUDAR DE LUGAR. No entanto, se atentarmos bem, os significados das metáforas em (13) e (14) são bastante diferentes, porque a mudança de estado é representada de forma diferente, nos dois casos.

O mergulho na depressão, caso da sentença (13), implica uma mudança de estado brusca, com um resultado final (o estado depressivo) bem delimitado e homogêneo. No caso da sentença (14), por sua vez, o mergulho no mundo dos ciganos implica a passagem por diferentes estados intermediários, com a inserção num mundo desconhecido e cheio de nuances e variação. Trata-se de uma viagem rica e variada, e o estado final (a vivência do mundo dos ciganos) não é nem bem delimitada, nem homogênea.

A diferença entre as duas interpretações resulta do fato de que a interação específica entre os conceitos de mergulhar e depressão, por um lado, é totalmente diferente da interação entre os conceitos de mergulhar e mundo dos ciganos. Essa qualidade específica da interação conceitual cria um contexto único e instável, que não pode ser reduzido (embora dependa deles também) a esquemas cognitivos estabilizados.

3. Metáfora: o papel do discurso

Não muito tempo após o deslocamento do lócus da metáfora da linguagem para o pensamento, que adveio da visão de metáfora da chamada “virada cognitiva” introduzida por Lakoff e Johnson (1980 [2002]), o psicólogo cognitivista Ray Gibbs (1999) já questionava a supremacia da mente sobre “o mundo lá fora” nos estudos da metáfora. Em pesquisas mais recentes, Semino (2008) e Cameron e Maslen (2010) demonstram, se não um retorno ao estudo da metáfora no âmbito da linguagem, um claro movimento que sinaliza uma busca da compreensão da dinâmica da metáfora no contexto e, mais especificamente, no discurso.

Investigar a metáfora no discurso, no entanto, não parece ser tarefa fácil. As primeiras pesquisas mais fiéis ao compromisso cognitivo estabelecido pela

Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) de Lakoff e Johnson apoiavam-se em um arcabouço teórico consistente que as amparava com uma solidez epistemológica significativa. Ao mesmo tempo, do ponto de vista empírico, as diversas expressões linguísticas metafóricas eram invariavelmente abordadas como marcas ou instanciarções de metáforas conceptuais subjacentes. Tendo lançado o novo paradigma, com conceitos que se sustentavam por meio de associações entre o dado empírico de base linguística e o conceptual - este sempre na condição de hipótese, mas uma hipótese fortemente apoiada pela evidência empírica—A TCM abria as portas para que inúmeras pesquisas seguissem essa trilha.

A multidimensionalidade característica da linguagem em uso, entretanto, impõe aos estudos da metáfora no discurso um desafio metodológico bem mais complexo. Em primeiro lugar, é necessário posicionar-se teoricamente acerca de qual conceituação de discurso a pesquisa parte. A Teoria Crítica da Metáfora, desenvolvida por Charteris-Black (2004, 2006), por exemplo, compartilha com a TMC o compromisso cognitivo. Porém, a noção de discurso por ela adotada, por estar alinhada à da Análise Crítica do Discurso, é de natureza ideológica, o que faz com que o estudo da metáfora desenvolva-se em direção à compreensão dessa dimensão específica da figuratividade. Sendo assim, os corpora analisados por Charteris-Black e seus seguidores são constituídos, predominantemente, por discursos políticos, em que os aspectos ideológicos dos sentidos, metaforicamente estruturados ou não, estão mais evidente.

A alternativa empírica, por sua vez, impulsionada pela linguística de corpus, abriu um novo e produtivo campo de pesquisa nos estudos da metáfora (DEIGNAN, 2005; SARDINHA, 2011). No entanto, não se pode afirmar que a linguística de corpus tenha, de fato, introduzido uma dimensão genuinamente discursiva à metáfora como objeto de investigação. O estudo eletrônico de corpora trouxe o “uso linguístico” para a pesquisa no que concerne estritamente às marcas linguísticas de metáforas conceptuais propostas *a priori*, marcas essas que, como as apresentadas nas pesquisas clássicas dentro da TMC, eram consideradas “idealizadas” e, portanto, empiricamente frágeis (DEIGNAN, 2005). Nesse sentido, analisar metáforas a partir de dados considerados reais seria, dentro da proposta da linguística de corpus, abordar a metáfora em uso. Porém, o funcionamento discursivo das metáforas linguísticas, em um sentido “macro” e não apenas “micro”, e sua relação com possíveis metáforas conceptuais não eram (e nem poderiam ser) levados em consideração nessa linha de análise.

Cameron e Deignan (2006) e Cameron e (2008), por sua vez, tratam mais diretamente da dimensão discursiva da linguagem figurada ao direcionarem seus olhares investigativos para a metáfora em uso a partir dos conceitos de *metaforema* e *metáfora sistemática*. No primeiro caso, o enfoque está no surgimento de uma metáfora nova a partir do contexto sócio-discursivo e afetivo (um “sistema complexo”) que emerge na interação. Já no segundo caso, é proposta uma unidade analítica, a metáfora sistemática, para se estabelecer uma coerência superordenada entre metáforas linguísticas, semântico e discursivamente relacionadas, em um dado texto. Nesse sentido, a metáfora em uso se insere no âmbito do texto como unidade de sentido, participando de sua construção enquanto discurso.

Essa abordagem, no entanto, apesar de jogar alguma luz no que diz respeito à metáfora em uso, não tem qualquer compromisso com os claros avanços na compreensão da metáfora impulsionados pela virada cognitiva, ou, mais especificamente, pela TMC. Ou seja, tanto o metaforema como a metáfora sistemática são conceitos que se inscrevem epistemologicamente no contexto pragmático ou do “acontecimento discursivo”. Toda a questão da articulação desse contexto com instâncias mais estáveis, como o sistema conceptual pressuposto pela TMC, é totalmente ignorada ou relegada ao segundo plano.

Nesse sentido, uma abordagem (VEREZA, 2009) em que a articulação entre cognição e discurso, por um lado, e sistema e uso (STEEN, 2006), por outro, é defendida. Dada a complexidade dessa articulação, marcada por dois níveis de sentido, um cognitivo, mais estável, e o outro discursivo, mais episódico, fez-se necessário buscar uma unidade de análise que pudesse revelar com maior nitidez o fenômeno em foco. Essa unidade, denominada *nicho metafórico*, pode ser definida como um segmento de um texto metaforicamente construído a partir de desdobramentos, geralmente novos (em oposição a convencionais) de uma única metáfora superordenada. Ao mesmo tempo que metáforas novas são criadas a partir de uma única (explícita ou implícita) que as une semântica e discursivamente (pois, em seu conjunto, criam o objeto de discurso), as redes de sentido que se formam textualmente se articulam a instâncias mais estáveis do nosso sistema conceptual, sejam *frames* ou metáforas conceptuais. Uma breve análise do nicho metafórico encontrado no texto a seguir ilustrará a proposta.

Rasgar a fantasia⁴

O espetáculo que se vê nas passarelas é fantástico. [...] É fruto do esforço de dezenas de milhares de amadores que dão um show de organização, sincronia e criatividade. É prova irrefutável de que há capacidade gerencial e de renovação no Brasil.[...]

É paradoxal que, com esses atributos e um governo comprometido, o Brasil tenha um desempenho aquém do esperado. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) é anêmico, está entre os mais fracos da América Latina.

É hora de rasgar a fantasia, que quer dizer "mostrar-se como realmente é, depois de tê-lo dissimulado". Acabar com o enredo do jogo do contente, do PIBão, da contabilidade criativa e do zigue-zague de improvisações e escrever outro para soltar entraves como a carga tributária asfixiante, a legislação obsoleta, o desperdício de recursos e os regimes cambial e inflacionário incertos.

Urge vestir a alegoria do "Brasilbão", o país das próximas décadas, e sair na avenida com uma agenda ambiciosa de reformas e ajustes e uma renovação na política econômica. As passarelas provam de maneira cabal que o Brasil é capaz e o governo pode ser o abre-alas. Bom carnaval a todos!

O nicho metafórico em si tem início no terceiro parágrafo, estendendo-se até o último. No entanto, é já no primeiro parágrafo que se dá a construção textual da metáfora superordenada, implícita, textualmente construída, de teor largamente avaliativo, e que *grosso modo* pode ser verbalizada como “política brasileira é carnaval”. É aqui que o que podemos entender como sendo o domínio fonte da metáfora - o carnaval - é explicitado. De fato, podemos até mesmo incluir o título do texto (*Rasgar a fantasia*) como uma antecipação da construção metafórica que está para ser construída argumentativamente.

Como todo o gênero editorial, comenta-se um determinado fato sobre o qual há um conhecimento supostamente compartilhado pelas comunidades discursivas (SWALES, 1990), tanto produtora quanto receptora de tal gênero. Nesse caso específico, o fato se refere a um suposto “jogo de esconde” do governo federal envolvendo o PIB de 2012; havia se criado uma expectativa de um índice maior do que o que realmente se concretizou e isso, aparentemente, não foi divulgado ou até problematizado como era esperado. Ou seja: o governo, segundo o editorialista, vestiu “uma fantasia”.

⁴Fonte: R. L. Troster. Disponível em <<http://avaranda.blogspot.com.br/2013/02/rasgar-fantasia-roberto-luis-troster.html>> Acesso em 05 Fev. 2013.

Rasgar a fantasia, como mostra o título, é uma expressão que se convencionalizou com o sentido de “mostrar-se como realmente é em personalidade, comportamento etc., depois de tê-los dissimulado”⁵.

O nicho metafórico do terceiro e quarto parágrafos, portanto, por meio de um conjunto de desdobramentos ou projeções textuais que relacionam elementos do domínio carnaval a elementos de políticas governamentais cria redes argumentativas que se valem tanto da própria construção textual quanto de instâncias conceituais mais estáveis.

Em Vereza (no prelo), dois nichos metafóricos em que o mundo da fantasia, de um modo similar, é associado metaforicamente à política (no caso, política americana) são analisados. Nos nichos em questão, os domínios fontes específicos são “a toca do coelho”, do livro *Alice no país das maravilhas*, no primeiro caso, e a Disneylândia, no segundo. Em ambos os textos, o Partido Republicano americano representa o domínio alvo. Ou seja, os nichos, pertencentes também a editoriais, fazem críticas ao governo da época, associando suas políticas a algum tipo de “terra da magia ou fantasia”. Em outras palavras, as projeções avaliativas selecionam, do mundo da fantasia, não o seu aspecto de prazer ou felicidade, mas sim o de dissimulação, de engano, de inverdade. No caso do imaginário brasileiro, o carnaval seria um símbolo inquestionável desse mundo da fantasia. A fantasia, ao mesmo tempo uma metonímia concreta do carnaval - um traje (de “faz de conta”) típico do evento- e um elemento abstrato de magia ou imaginação (como em “terra da fantasia”), presta-se sobremaneira como metáfora, do domínio geral “carnaval”, para o que é dissimulado. Em outras palavras, o fragmento aqui tratado, como no caso dos textos norte-americanos, evidencia a articulação que defendemos entre o que é episódico, textualmente construído no próprio nicho, e o que é conceitualmente mais estável.

Um olhar mais atento, no entanto, irá nos mostrar que, do domínio “carnaval”, não apenas o elemento fantasia e sua associação com ficção e, portanto, inverdade, são ressaltados no nicho. No primeiro parágrafo, o carnaval é tematizado também de uma forma inesperada, como um “show de organização sincronia e criatividade”. É construído, portanto, um jogo entre expectativas mais estabelecidas para determinadas projeções (carnaval=fantasia= dissimulação = jogo do contente), o que realmente acontece através do uso do termo “fantasia”

⁵Dicionário Aulete: <http://aulete.uol.com.br/fantasia>

(“rasgar a fantasia”), e expectativas textualmente criadas a partir das avaliações positivas que são feitas sobre a “capacidade gerencial” que deveria servir de exemplo para “o país das próximas décadas”. Dentro dessa perspectiva, o carnaval, no último parágrafo, passa a ser um domínio ressignificado; um espaço metafórico que serve ao mesmo tempo de modelo e de contexto para a política econômica.

Da mesma forma que a renovação na economia é construída como um objeto desejado, a renovação no domínio (ou *frame*) do carnaval como fonte de metáforas é efetivada no texto. Como paradigma do equívoco, do erro, do engano, da mentira, da pouca seriedade, o carnaval é aqui (re) construído como um exemplo de esforço coletivo bem-sucedido.

Não há como sabermos se essa visão de seriedade e empreendedorismo atribuída aqui ao carnaval superará a da “fantasia” (e seus desdobramentos), que, provavelmente, ainda está mais fortemente enraizada em nosso imaginário, ocasionando um conflito de enquadramento (*frame conflict*, REDDY, 1993), ou se ainda necessitará de muitos realinhamentos (como no primeiro parágrafo do texto) para que sirva como domínio fonte consistente e produtivo. O que nos interessa, para este momento, é que essa breve análise pôde nos mostrar que : a) a teoria da metáfora conceptual não pode dar conta de uma maneira satisfatória - e, diga-se de passagem, não se propõe mesmo a isso - do funcionamento discursivo da linguagem metafórica que participa efetivamente da construção de sentidos do texto, já que muitos mapeamentos são construídos textualmente, formando uma rede internamente coesa e b) uma análise que se limite ao nível textual e discursivo, mesmo que revele toda a riqueza da argumentação textualmente desenvolvida, dos processos de referência e da construção do objeto de discurso irá deixar de buscar as instâncias cognitivas mais estáveis, como as metáforas conceptuais, modelos cognitivos idealizados (MCIs- LAKOFF, 1987) ou *frames*, que subjazem ao que parece, em um primeiro olhar não informado, totalmente inédito. Como pudemos observar, mesmo na desconstrução (ou *reframing*) de domínios, como no caso do carnaval, partimos, conscientemente ou não, de sentidos cognitivamente reificados, e é no uso que essas duas instâncias - a cognitiva e a discursiva- se encontram.

4. Metáfora e contexto no âmbito dos gêneros discursivos

Neste item, abordamos a metáfora conceptual em uso, materializada na linguagem, por meio de expressões linguísticas, em gêneros discursivos.

Exemplificamos aqui uma tentativa de conciliar cognição e uso. Para isso, investigamos a metáfora conceptual em uso – em gêneros discursivos □, objetivando mapear o funcionamento semântico-discursivo das expressões linguísticas licenciadas. Para exemplificar a metáfora no âmbito dos gêneros discursivos, fazemos uso do resultado de duas pesquisas⁶: o resumo em (anais de congressos, dissertações, teses e artigos científicos) e a crônica esportiva. Essas duas pesquisas estão inseridas na linha de investigação cujo objetivo é descrever a presença de metáforas e metonímias conceptuais em gêneros discursivos e descrever possíveis funções semântico-discursivas que as expressões linguísticas licenciadas imprimem no gênero em investigação.

Os resultados da primeira pesquisa⁷ revelam-nos que, no *resumo* (em anais de congressos, teses, dissertações e artigos), predominou o cruzamento da metonímia OBRA PELO AUTOR e da metáfora OBRA É PESSOA. Estamos entendendo cruzamento como sendo a coexistência de metáfora e metonímia conceptuais na mesma expressão linguística (BARCELONA, 2003); ou seja, ficará caracterizado cruzamento quando ocorrer coinstanciação de metáfora e metonímia na mesma expressão linguística, sendo uma interação no nível puramente textual. A personificação da obra (trabalho, dissertação, tese, artigo etc.) e o uso da entidade (a obra) para se fazer referência a outra entidade (o autor) são materializadas linguisticamente por uma mesma expressão lingüística, caracterizando o cruzamento postulado por Barcelona (2003).

⁶ Essas pesquisas estão vinculadas ao Projeto Metáforas/ Metonímias, Gêneros Discursivos e Argumentação (MGDA).

⁷ Pesquisa realizada, sob orientação da professora Lucienne Espíndola, pelo graduando em Letras, Sérgio Ricardo Pereira de Carvalho, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPB/CNPq), no período de agosto/ 2008 a julho/2011.

Os excertos⁸ a seguir exemplificam esse cruzamento:

A intenção deste texto é refletir especificamente acerca de uma importante noção para a Análise do Discurso de linha francesa (AD): a noção de sujeito. (SINALGE.14.01)

Diante disso esse trabalho tem como objetivos resgatar e analisar as histórias orais populares tendo em vista sua utilização para a formação do gosto pela leitura na escola. (ENALEF.12.10)

Este trabalho visa investigar como professores da escola fundamental constroem objetos de ensino para e nas aulas de Língua Portuguesa. (ABRALIN.24.01)

Este trabalho argumenta em favor da valoração dos traços de concordância dentro do DP em termos da operação Agree (Chomsky, 1999) sem a necessidade de estipular nenhum outro mecanismo para tanto. (DELTA.93.01)

O objetivo deste trabalho é analisar a correlação entre o módulo de deformação longitudinal do concreto e sua resistência à compressão. (TPEC.98.01)

Esta pesquisa discute as possibilidades práticas da reciclagem de PVC. (POLÍMEROS.34.01)

O objetivo principal deste trabalho foi propor uma reflexão sobre o processo a ser utilizado para a elaboração de um léxico bilíngüe na subárea de cardiologia. (DELTA.08.01)

O objetivo deste trabalho é a análise probabilística de pilares de concreto armado com o emprego do método dos elementos finitos. (TPEC.11.01)

Esta pesquisa discute as possibilidades práticas da reciclagem de PVC. (POLÍMEROS.34.01)

Este trabalho teve como objetivo deduzir analiticamente e numericamente os perfis de densidade de corrente, campo magnético e campo elétrico (e

⁸ Os excertos utilizados aqui foram retirados de resumos: dos Anais do I Encontro Nacional de Letramento (ENALEF), Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais (SINALGE), VI Congresso Internacional da ABRALIN; de artigos das revistas Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA), Teoria e Prática na Engenharia Civil (TPEC), Polímeros Ciência e Tecnologia; e de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

conseqüentemente a dissipação de potência) de um limitador de corrente supercondutor transportando uma corrente senoidal. (UFRJ.PEE.36.05)

Esta tese apresenta um estudo de modelos de crescimento e contágio em redes, relacionando propriedades topológicas das redes com propriedades dinâmicas da evolução. (USP.IF.01.01)

Esta dissertação apresenta um estudo da fase de orientação (Jakobsen, 2002), desenvolvido pelo Projeto SEGTRAD no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Universidade Federal de Minas Gerais. (UFMG.PGEL.70.01)

A grande incidência, no *corpus* investigado, de expressões linguísticas que atualizam o cruzamento da metonímia OBRA PELO AUTOR e da metáfora OBRA É PESSOA autoriza-nos a dizer que esse cruzamento é intrínseco ao *resumo* nos contextos descritos. Em outras palavras, a presença desse cruzamento não é uma escolha daquele que produz (escreve) o *resumo* para anais de evento, para tese, para dissertação ou para artigo. Esse *resumo* pode ser caracterizado quase como formulaico, pois já há uma macroestrutura pré-estabelecida para a sua produção, considerando, segundo Bakhtin (2000 [1979], p. 279), conteúdo temático, estilo e construção composicional, e a função social que determinado gênero exerce na sociedade.

Nossa leitura em busca dos efeitos possíveis (funções semântico-discursivas) decorrente da reiterada presença do cruzamento acima descrito foi feita considerando que resumos de anais de eventos, artigos científicos, dissertações e teses circulam quase que exclusivamente no meio acadêmico universitário. Nesse sentido, o contexto se faz imprescindível para que possamos buscar efeitos impressos por metáforas/metonímias conceptuais atualizadas em expressões linguísticas.

Conhecer o contexto acadêmico no qual esses gêneros circulam foi fundamental para que pudéssemos propor a tese de que a presença recorrente de expressões linguísticas licenciadas pela metonímia e metáfora citadas, em *resumo* nos contextos descritos anteriormente, sugere ser esse recurso uma estratégia semântico-discursiva que gera um afastamento do autor frente à pesquisa apresentada com a intenção de dar uma maior credibilidade ao conteúdo enunciado junto aos prováveis interlocutores.

Esse afastamento de que falamos não é uma atitude consciente e programada pelo produtor do texto; pelo contrário, na maioria das vezes,

reproduzimos os modelos que nos são apresentados, na academia, sem maiores questionamentos. Mas a macroestrutura de cada gênero não só reflete as funções sociais do gênero discursivo, como também mantém o *status quo* de como deve ser a divulgação das pesquisas acadêmicas, considerando o público alvo e o suporte de divulgação.

A segunda pesquisa⁹ não teve somente o gênero discursivo como ponto de partida, mas considerou também a temática: a investigação ocupou-se da metáfora conceptual em crônicas esportivas cuja temática fosse o futebol. O *corpus* dessa investigação foi o livro¹⁰ *O berro impresso das manchetes*, de Nelson Rodrigues. Os resultados encontrados apontam a presença reiterada de duas metáforas conceptuais: FUTEBOL É GUERRA e PESSOAS SÃO ANIMAIS. No contexto do futebol abordado nas crônicas, as pessoas são vistas em uma guerra, em um tipo de luta, sendo conceptualizadas como animais, pois assim se comportam.

As crônicas que constituem o *corpus* da referida pesquisa são da metade do século passado, fazendo-se necessário buscar informações extratextuais sobre o futebol, na década de 1950, como também sobre Nelson Rodrigues, cronista esportivo. Saliente-se que não só necessitamos do contexto para identificar as metáforas, mas, principalmente, para compreender as crônicas.

Nessa investigação, a metáfora FUTEBOL É GUERRA predominou, evidenciando que, naquele contexto, aspectos do domínio origem *guerra* foram utilizados para conceptualizar o domínio alvo *futebol*:

Venciámos por 1 x 0 e, se o tiro de Hapel entrasse, a batalhapoderia, instantaneamente, mudar de panorama. (125.27)

Insisto: nos primeiros três minutos dabatalha, já o "seu" Manuel, já o Garrincha, tinha derrotado a colossal Rússia, com a Sibéria e tudo o mais. (126.5)

Babá atirou-se à batalha com uma gana, uma garra, um élan de antigo titular. (C.132, L.24)

Apenas isto: quase mata o arqueiroadversário com uma bomba. (134.9)

⁹ Pesquisa realizada, sob orientação de Lucienne Espíndola, pela graduanda em Letras, Tatiane Gomes de Moura, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPb/CNPq), no período de agosto/ 2008 a julho/2011.

¹⁰ Esse livro contém 163 crônicas esportivas, em sua grande maioria sobre futebol. São crônicas que foram escritas nos anos de 1955 até 1959 por Nelson Rodrigues para a revista *Manchete Esportiva*, mas só recentemente publicadas em livro, no ano de 2007.

*A derrota vascaína, por si só, bastaria **para conferir à batalha uma dimensão patética**. (134.12)*

*Mas esse homem, que não inspira manchetes, foi, sem dúvida, **a maior figura da batalha Botafogo x Bangu**. (135.5)*

*E é quase impossível selecionar, entre 22 ou 25, **a figura que possa traduzir o símbolo pessoal e humano da batalha**. (138.11)*

*Pois bem: começa o jogo. **Zagallo se atira na batalha**. (138.46)*

*Sabe-se que **era importantíssima a batalha de ontem para o certame**. (140.15)*

***Na batalha de ontem**, o sarrafo cantou, de parte a parte. (140.49)*

*E confesso que, se fosse falar **da batalha de sábado**, o meu personagem da semana não seria nenhum dos 22 jogadores. (142.2)*

*Nada disso. **Ao terminar a primeira etapa da batalha**, eu olhava o placar e não entendia o espetacular e ultrajante 0 x 0. (143.27)*

*Luta até o fim, até a última gota da **batalha**, sem esmorecer jamais. (144.36)*

Ao lermos sobre Nelson Rodrigues e sobre futebol naquele momento, fizemos a seguinte pergunta norteadora: qual o lugar do esporte na década de 1950 e mais precisamente do futebol para a cultura brasileira? Isso porque entendemos que, apesar de o cronista ter o seu estilo individual, ele revela, no texto, o social, pois somos resultado do que vivemos e lemos; enfim, nossas atitudes reveladas em textos dizem de onde viemos. Mas, muitas vezes, os textos não dizem tudo, apenas acenam (apontam), então é preciso que se recorra ao contexto para fazer uma das leituras possíveis.

A maioria das expressões linguísticas destacadas contém a expressão *batalha*, que remete à *guerra*, salientando que esse foi o aspecto do domínio origem *guerra* mapeado para o domínio alvo *futebol*; outros aspectos, como armas, munição, derrame de sangue foram descartados, sendo privilegiado o sentido de lutar, atualizado pelas expressões *batalha/batalhar*.

A presença recorrente da metáfora FUTEBOL É GUERRA, nas crônicas analisadas, revela-nos que, na década de 1950, futebol era concebido como uma forma de luta, de 'guerra'. Saliente-se que, na guerra, os homens agem como se animais fossem; no futebol não é diferente e as crônicas revelam essa animalização do homem no futebol, com a atualização da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS.

*Essa mistura de molecagem e **ferocidade**, de virtuosismo e má-fé, que faz do futebol brasileiro, uruguaio e argentinoum show delicioso, não existe no purificado futebol sueco. (59.16)*

*Waldo ficou, sozinho, diante do arco adversário, cara a cara com Gilmar. E que faz o comandante carioca? **Pára a bola** no peito e, **cominaudita ferocidade**, enche o pé. (66.3)*

*Foi **Dida**, a meu ver, quem começou a desintegrar a defesa vascaína. [...] **Ele passava**, ele envolvia, ele desmontava, **com meticolosaferocidade**, a retaguarda adversária. (91.30)*

*Essa **ferocidadeé rara num jogador** de futebol. (136.16)*

*Equando Vavá foi contratado pelos espanhóis, houve o drama: **onde catar uma outra fera, um outrobúfalo**, um outro cossaco? (136.16)*

A metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS ratifica a concepção de *futebol* como *guerra*, atualizada linguisticamente por meio da expressão linguística *fera* e seus derivados. Na guerra, embora haja regras, há um conflito e, para resolver esse conflito (vencer o adversário), os envolvidos mobilizam todos os seus recursos (armas), agindo, em muitas situações, de forma irracional, como animais.

“Assim como as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 97). Sendo assim, para que possamos identificar e compreender metáforas e metonímias, é imprescindível recuperar o contexto e, consequentemente, a cultura de uma determinada sociedade; e um dos caminhos é o estudo desses dois processos cognitivos em gêneros discursivos, uma vez que são os gêneros que circulam socialmente e, assim, nos fornecem informações sobre o contexto de uso efetivo da língua.

5. Conclusão

Neste artigo, tentamos mostrar que não se pode estudar a metáfora sem levar em conta tanto a cognição, quanto o uso. Se uma teoria foca exclusivamente a cognição, como é o caso da Teoria da Metáfora Conceptual, o papel do contexto é escamoteado, e perde a relevância que de fato tem. Por outro lado, se o estudo

da metáfora se reduz à descrição dos efeitos pragmáticos e textuais de metáforas específicas, perdem-se de vista os fatores cognitivos mais estáveis, que são essenciais para a compreensão de uma metáfora.

Uma combinação de fatores estáveis (como frames, esquemas imagéticos, metáforas conceptuais), com fatores menos estabilizados (como interação entre conceitos específicos, efeitos discursivos e gêneros textuais), parece ser a alternativa teoricamente mais profícua para o estudo das metáforas, e é ela que foi sustentada neste artigo.

Pode-se observar, ainda, que a noção de fator semântico instável não implica uma variação aleatória e totalmente indisciplinada. Afinal, conceitos particulares, textos e gêneros textuais são também dotados de uma certa estabilidade. Assim, pode-se dizer que a interpretação da metáfora caminha nessa linha tênue entre o que a significação linguística já produziu, e o que ela ainda pode produzir de novo.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal** (trad. M.E.G. Gomes). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARCELONA, A. **Metaphora and metonymy at the crossroads**. Berlin: Walter de Gruyter, 2003.
- CAMERON, L. A discourse approach to metaphor: explaining systematic metaphors for literacy processes in a school discourse community. In: TYLER et al (org.) **Language in the context of use**. New York: De Gruyter Mouton, 2008. pp. 321 - 339.
- CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The Emergence of Metaphor in Discourse. **Applied Linguistics**, n. 27(4), 2006, pp. 671 - 690.
- CAMERON, L.; MASLEN, R. (Org.) **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities**. London: Equinox, 2010.
- CARVALHO, S. R. P. de. **As metáforas conceptuais no gênero discursivo resumo**. João Pessoa, Relatório de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB), 2009.
- CARVALHO, S. R. P. de. **As metáforas conceptuais no gênero discursivo resumo em artigos científicos**. João Pessoa, Relatório de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB), 2010.
- CARVALHO, S. R. P. de. **As metáforas conceptuais no gênero discursivo resumo em dissertações e teses**. João Pessoa, Relatório de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFPB), 2011.
- CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approach to critical metaphor analysis**. London: Palgrave, 2004.

CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and rhetoric**: the persuasive power of metaphor. London: Palgrave – Macmillan, 2006.

DEIGNAN, A. **Metaphor and corpus linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

GIBBS, R. Taking metaphor out of our heads and in to the cultural world. In GIBBS, Robert; STEEN, Gerard. (Org.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1999. pp. 98 - 113.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922 páginas.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press: 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002[1980]. 360 p.

MOURA, T. G. de M. **As metáforas/metonímias conceptuais no gênero discursivo crônica esportiva**. Relatório Final PIBIC, 2011.

REDDY, M. *The conduit metaphor*: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and thought**. (2nd ed.). Cambridge: CUP, 1993. p.164 - 201.

RODRIGUES, N. **O berro impresso das manchetes** / Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SARDINHA, T. B. Metaphor in corpus linguistics. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. vol.11 no.2. 2011 (versão online). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198463982011000200004&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 fev. 2013.

SEMINO, Ea. **Metaphor in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

STEEN, G. J. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. **D.E.L.T.A.** 22, 2006. pp. 21- 44.

TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. vol. II. Cambridge: MIT Press, 2003.

VEREZA, S. C. Articulating the conceptual and the discursive dimensions of figurative language in argumentative texts. **D.E.L.T.A.**, 26: 2010. pp. 267 – 284.

VEREZA, S. C. **Entrelaçando frames**: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. Cadernos de Estudos Linguísticos (no prelo).

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013

